



## A RECEPÇÃO DO REALISMO CRÍTICO NO BRASIL

DOI: 10.5281/zenodo.14624774

*Noélia Nunes da Silva*<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho busca discutir como, por assim dizer, o projeto metodológico realista representado por Ram Roy Bahskar foi englobado como uma vertente na filosofia da ciência até ser recepcionado no Brasil. Entretanto, em razão do número ínfimo de trabalhos que se debruçam na discussão deste projeto filosófico ou no uso do mesmo de modo metodológico na pesquisa científica, questionamos se e em que medida pode-se afirmar que tal vertente foi efetivamente recepcionada, conquistando um lugar no rol da filosofia da ciência em ambiente brasileiro.

**Palavras-chave:** Realismo Crítico; Filosofia da Ciência.

### Abstract

This paper seeks to discuss how, so to speak, the realistic methodological project represented by Ram Roy Bahskar was encompassed as a strand in the philosophy of science until it was received in Brazil. However, because of the small number of papers that are addressed in the discussion of this philosophical project or in the methodological use of it in scientific research, we question whether and to what extent it can be affirmed that this aspect was effectively received, gaining a place in the role of the philosophy of science in a Brazilian environment.

**Keywords:** Critical Realism; Philosophy of Science.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

E-mail: profanoelinunes@gmail.com



## 1. Ponderações Iniciais

A questão da adesão do Realismo Crítico ou Realismo transcendental (nome original) de Bhaskar como vertente absorvida na filosofia da ciência para tratamento de problemas científicos, remete à problemática da demarcação entre conhecimento científico e senso comum, isto é, a formulação do que, efetivamente, poderia ser chamado de ciência.

Inicialmente, a filosofia da ciência amparava-se no positivismo de Augusto Comte. Pensava-se na resolução dos problemas utilizando-se um certo *naturalismo*<sup>2</sup> que propunha a apreensão precisa entre causa e efeito nos fenômenos naturais e, posteriormente, sociais, já que o momento que antecede o surgimento da sociologia como ciência, dotada de método próprio a partir de Durkheim, no século XIX, também foi marcado por tentativas de adaptação nos moldes positivistas nos objetos de cunho social.

Os lógico-positivistas, com o método da indução, acreditavam que a ciência avançava a partir de regularidades manifestadas nos fenômenos, e desse modo, quanto maior o número de variáveis que por observação fossem identificadas, maior seria o fortalecimento de uma teoria. Neste sentido, a ciência avançava por meio do número de evidências empíricas que confirmavam a relação entre causa e efeito, porém, o que fazer se as evidências encontradas fossem contrárias às regularidades que sustentavam a relação de causa e efeito estabelecida?

Na literatura, observa-se que neste entrave surgem alguns economistas que, de modo alternativo, rompem com o critério de indução já reconhecido como método insuficiente para tratar os problemas com objetividade. Popper é um deles quando traz o critério falsificacionista para tratar os problemas científicos. A partir dele, a ciência avançava pela refutação de hipóteses, onde novas teorias eram formuladas.

---

<sup>2</sup> Amparar-se em uma perspectiva naturalista implicava também em tratar dos problemas das ciências naturais e sociais seguindo os mesmos procedimentos.



Outro método bastante inovador foi o proposto por Tomas Kuhn, a partir das chamadas *Revoluções científicas*. Tal teórico afirmava que a quebra ou superação de um paradigma originava uma revolução que, por sua vez, daria origem a outro paradigma mais consistente.

É nítido, nestes métodos, a defesa da ideia de uma ciência como um sistema fechado, pois buscava-se, na relação causa-efeito, premissas que dessem conta do movimento ou funcionamento exato do fenômeno. Missio (2011) pontua que tratar os problemas científicos da natureza ambicionando a apreensão de respostas exatas sem considerar que os átomos sofrem mutações é problemático, e mais ainda em se tratando da ciência social, cujo objeto nem ao menos se pode isolar, e chega a conclusão de que a lógica positiva e mesmo os programas metodológicos não são suficientes para identificar como operam os fenômenos.

Todas essas abordagens constituem um tipo de ciência que se baseia em um mundo como um sistema fechado e que cogita ser possível apreender totalmente o funcionamento dos fenômenos tanto naturais, como sociais. Isto, nesse modo de fazer ciência, é possível em razão de apenas se considerar a dimensão empírica dos eventos, ou seja, somente aquilo que pode ser observado no mundo material entraria como objeto de estudo.

As tentativas do positivismo e mesmo dos filósofos da ciência como Popper e Kuhn eram direcionadas para a identificação de regularidades, partindo da ideia de que existem leis que regem os fenômenos, passíveis de serem descobertas pelo pesquisador. A diferença entre os lógico-positivistas e os economistas se dava apenas no modo como operacionalizavam seus métodos, pois ambos recaem em tratar dos fenômenos como algo apreensível à ciência ou mesmo ao alcance humano.

Desde Kant, o conhecimento é estabelecido como algo a priori. As ideias, por intermédio do pensamento e apenas por ele, seriam determinantes do mundo real. O existente, desse modo, ficava restrito ao domínio do pensamento humano. Neste sentido, a ideia de ciência ancorava-se em um movimento de certo modo previsível, pois as ideias, ao serem



gestadas, adquiriam um caráter real, e por assim ser, poderiam ser consideradas objetos de estudo.

De acordo com Missio (2011), essas vertentes de cunho empírico configuram-se como “limitadas” para tratar dos fenômenos, e questiona em que medida um modelo de ciência que enxerga o mundo como um sistema fechado pode ser útil e responder as demandas postas pelos pesquisadores, ou mesmo explicar o mundo real, e é diante dessa problemática que o autor, a partir de uma recuperação da lógica positivista, passando pelos programas de pesquisa criados pelos economistas irá se mostrar favorável à uma ciência que se ampara à luz do Realismo Crítico.

## **1. O Realismo Crítico como alternativa à ciência versus o seu tímido alcance em solo brasileiro**

Amparando-nos na sequência com que se deu, historicamente, o desenvolvimento da ciência em termos metodológicos citada no tópico anterior, e a partir da evidência de um “desgaste” das abordagens pós-modernas e pós-estruturalistas, (PIMENTEL, 2012), surge na década de 60, no Brasil, algumas formulações que tomam corpo nos anos 70 criando um novo caminho que promete orientar a pesquisa científica, embora não tenha logrado considerável alcance.

Poucos são os trabalhos no país que buscam discutir sobre o Realismo Crítico. Em sua tese de doutorado defendida em 2012, Pimentel nos dá algumas pistas que iluminam o entendimento da maneira como o Realismo Crítico tem sido aglutinado no campo científico brasileiro.

De acordo com o autor, o Realismo Crítico chega ao Brasil nos anos 2000, momento em que as abordagens pós-modernas e pós-estruturalistas tinham se enfraquecido. Este



movimento ganhou força a partir de um evento internacional ocorrido na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2009 no qual questões em torno do mesmo foram debatidas.

Após este evento e até 2011, só haviam apenas 03 grupos, mais precisamente três centros no país que abordavam as questões do RC. Um deles é o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na pessoa do professor Frédéric Vandenberghe que é estrangeiro e chegou ao Brasil com a bagagem realista, trabalhando a temática a partir de uma perspectiva hermenêutica.

Existe ainda, o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco através da Professora Cynthia Hamlim que cursou seu doutorado no exterior e teve contato com o professor Frédéric Vandenberghe. A mesma, discute o RC a partir de uma ótica, em certa medida, marxista, (PIMENTEL, 2012).

Por fim, existe um terceiro centro que tem seu funcionamento na Universidade Federal Fluminense, mais precisamente, o programa de Pós-graduação em economia por meio dos professores Mário Duayer e João Leonardo Medeiros. Estes últimos fazem uma leitura especificamente<sup>3</sup> econômica e materialista sob influência marxista ortodoxa do Realismo Crítico.

Realizando a investidura de reunir os dados a fim de demarcar como se deu a receptividade do Realismo crítico ou transcendental no Brasil, de fato, poucos foram os trabalhos encontrados que abarcam a temática, seja de modo explicativo, seja de modo aplicativo, isto é, utilizando-se da mesma de modo metodológico em problemas científicos, porém, seguindo a sucessão do RC, Thiago Pimentel<sup>4</sup> é, atualmente, professor da UFJF (MG) e inseri-se no quadro de professores que estudam a temática, mantendo um grupo de estudos.

---

<sup>3</sup> Informações prestadas do professor Vandenberghe a Thiago Pimentel via e-mail, conforme consta na tese em nota de rodapé.

<sup>4</sup> Sobre a receptividade do RC no Brasil, o professor Vandenberghe, via e-mail, nos apontou o professor Thiago Pimentel como o nome que poderia nos ajudar com informações sobre a questão. De fato, embora de modo breve, este inicia um pequeno mapeamento, conforme nos informou via e-mail, orientando-nos à leitura de sua tese e informando que, de fato, falta um trabalho que reúna esses dados.



Mesmo de modo ainda tímido, o número de pesquisadores interessados em discutir a temática, como também sua aplicação tem aumentado, considerando que os membros dos grupos de pesquisa que já discutem e mantêm interesse na corrente filosófica, corroborando para a produção de análises que discutem com e contra o viés realista.

Conforme informa Pimentel apud Jessop (2012), foi no campo da Sociologia que o Realismo Crítico foi aglutinado com maior força no Brasil. Inicialmente, por intermédio dos nomes citados. A partir de 2012, mesmo que de modo ínfimo, outras áreas do conhecimento começaram a considerar a perspectiva, sendo o caso da administração, educação, ciências sociais em geral, marketing, recursos humanos, estratégias, etc.

Conforme explicita ainda, a razão da pouca aderência da perspectiva realista no Brasil, possivelmente é consequência da pouca consolidação da mesma no plano internacional, somando-se ao fato da gestação de uma espécie de crise do movimento realista em solos do Reino-unido, onde o Realismo Crítico de Bhaskar teve seu apogeu e também nos E.U.A., para onde se expandiu.

Esta tensão<sup>5</sup> se caracterizou pela “virada espiritual” do próprio Bhaskar ao publicar o livro *Do leste para o oeste: a odisseia da alma*, em 2000, cujo teor expressa as ideias do teórico acerca de valores espirituais. Alguns seguidores achavam que a obra caracterizava uma continuidade do movimento realista, possivelmente fazendo parte de uma terceira fase da carreira de Bhaskar, porém alguns críticos a viram como uma ruptura com os escritos anteriores, o que colocaria em xeque a credibilidade do movimento. Os últimos escritos de Bhaskar foram considerados bastante controversos em relação ao que de fato ficou conhecido como Realismo Crítico.

---

<sup>5</sup> Neste artigo, não faremos uma imersão nesta última fase de Bhaskar por não ser o objeto deste trabalho, porém saber que em alguma medida o RC passou por um momento de crise, sem dúvida, nos ajuda a pensar em impactos no tocante a adesão do movimento pelas diferentes áreas da pesquisa científica.



Nesta perspectiva, pensando na receptividade do movimento, não sabemos ao certo se as últimas obras de Bhaskar foram a razão para a pouca expansão da vertente em outros lugares do globo, especialmente aqui no Brasil. O fato é que de algum modo elas foram o foco de rumores sobre a credibilidade do movimento a partir das tensões estabelecidas por seguidores *versus* críticos.

Alguns pesquisadores, como o próprio Pimentel (2012), que é um pesquisador brasileiro, na busca de fazer uma sociologia das organizações à luz do Realismo Crítico e ciente das contraversões das obras de Bhaskar, optou por desconsiderar a chamada “terceira fase” do Realismo Crítico que, ao que parece, se descaracteriza em alguma medida.

Inserindo o RC em seu trabalho, ele destaca a importância do mesmo como uma vertente que possibilita a identificação dos componentes das estruturas de uma organização ou dos mecanismos geradores dela em condições específicas e ressaltando a potencialidade gerativa e independente desses mecanismos causais.

O autor toma uma organização como a forma material das estruturas que busca identificar ancorado no RC, isto é, seu objetivo é entender como uma organização vem a existir. Para isso, em termos de método, o RC lhe parece a melhor opção para identificação de suas estruturas e como os mecanismos causais operam, modificando-lhe.

Para o autor, o fato de o RC considerar a intransitividade do conhecimento, e ainda a característica de “atividade” das estruturas que são continuamente modificadas e modeladas por mecanismos emergentes, ao que parece, deixa crer a possibilidade de um maior avanço científico se comparado com métodos que não enxergam um real fragmentado e relativamente independente da ação dos pesquisadores.

O que queremos dizer é que teóricos como o próprio Bhaskar e seus sucessores como Margareth Archer e o autor da tese no qual nos apoiamos neste trabalho, ou seja, Pimentel, enxergam a totalidade do real como algo de difícil apreensão em razão da dinamicidade constante com que se comportam os fenômenos.



Não se percebe por parte destes pesquisadores uma preocupação do encontro de uma suposta verdade, mas antes, em entender como operam os mecanismos causais subjacentes à realidade e que, portanto, dá forma e produz o que pode ser observado, isto é, os fenômenos sociais e naturais. Neste sentido, a ciência avança a partir da investigação que se ancora em uma dialética dos fenômenos.

Ressaltamos que, embora Bhaskar reconheça que os mecanismos causais tenham como intermediários os seres humanos que codificam, exprimem e executam as atividades geradas por mecanismos, proporcionando-lhes concretude, ressaltamos que o mesmo admite, seguramente, a independência da atividade desses mecanismos que operam de modo intransitivo, pois nem sempre o pesquisador consegue acessar a atividade real dos objetos de estudo.

A recuperação das questões ontológicas por Bhaskar, segundo Missio (2011), funciona como um diferencial se comparado com os métodos tradicionais de tratar os fenômenos, tanto que Pimentel (2012) questiona as razões de o Realismo Crítico, sendo uma vertente tão sedutora em razão de transpor os níveis empíricos dos objetos, não ter tido um considerável avanço fora do ambiente de sua gênese, e mesmo neste, esbarrar com dificuldades internas de expansão e consolidação.

Colocamos aqui como questão a se pensar, a existência ainda de um fetiche, mesmo na ciência social (cujo Realismo Crítico teve um maior alcance aqui no Brasil, conforme já apontamos), com as questões de objetividade da ciência, que ainda hiper-valoriza a dimensão observável dos fenômenos por temer cair na não cientificidade.



## Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos de modo breve o surgimento do Realismo Crítico como uma alternativa a vertentes metodológicas anteriores, como as que se ancoravam os lógico-positivistas e os economistas, que buscaram tratar dos problemas em torno dos fenômenos naturais e sociais a partir da busca pela “verdade”.

Seja pelo acúmulo de dados que poderiam sustentar uma premissa, pelo falsificacionismo ou superação de paradigmas, a ciência é vista, nesta perspectiva, como um mecanismo de busca e alcance de leis, e sendo os fenômenos vistos como sistemas fechados, o modo como funcionam poderiam, em tese, ser apreendidos pelo pesquisador.

Apontamos, que diferentemente dessa lógica, a preocupação dos que se apoiam no Realismo Crítico de Bhaskar para o tratamento de problemas, sejam eles de envergadura natural ou social não é com a busca de leis ou verdades, mas antes com o funcionamento ou comportamento dos fenômenos sob determinadas condições, trazendo para a análise uma ontologia realista.

Há, nesta perspectiva, o reconhecimento da limitação e dificuldade de apreensão total dos mecanismos e operacionalização dos fenômenos que se comportam de maneira nem sempre capturável e inteligível ao pesquisador. Além do fato de os mesmos não se comportarem de modo estático, mas dinâmico, respeitando as condições em que os mecanismos emergentes se apresentam, mudando ou mantendo estável o que pode ser constatado pela observação, ressaltando que a dimensão empírica é considerada, do ponto de vista realista, apenas uma parcela do real.

Apesar da proposta realista de Bhaskar ser integrada à filosofia da ciência a partir da década de 60, apontamos, por fim, os limites com que ela esbarrou desde a sua gênese até suas fases posteriores, que acabaram por descaracterizar o próprio movimento inicial lançado



pelo teórico, impactando negativamente sua expansão e consolidação dentro e fora dos limites do solo internacional.

Não sabemos ao certo se a crise internacional do Realismo Crítico colaborou para o seu baixo alcance no Brasil, posto que a literatura acessada não nos esclarece, e mesmo faltam trabalhos que discutam sua (não) receptividade. Um dos trabalhos que reúne alguns dados sobre a recepção da corrente no Brasil é a tese de Pimentel (2012), no qual conseguimos extrair que tal recepção se dá pela via da sociologia, integrando-se, posteriormente a outras áreas do conhecimento.

Por fim, trazemos para uma discussão póstuma a análise das barreiras que encontra o RC com a existência ainda de um fetiche de uma apreensão total do funcionamento dos fenômenos, e que desconsidera as questões ontológicas e a dimensão intransitiva dos fenômenos que foi apresentada por Bhaskar.

Talvez a sociologia e áreas afins sejam as mais permeáveis à proposta realista, visto que, assim como aponta Melucci (2005), o dissenso é característica central da ciência social e talvez não seja coincidência que a integração inicial desse programa metodológico tenha se dado pela sociologia, já que ela avança pelo acúmulo e não pela superação de paradigmas.

## Referências Bibliográficas

MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia reflexiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MISSIO, Fabrício José. *Filosofia da Ciência, Realismo Crítico e teoria pós-keynesiana*. *Pesquisa e debate*, SP, v. 22, n° 2, pp. 239-263, 2011.

PIMENTEL, Thiago Duarte. **Espaço, identidade e poder**: esboço de uma teoria morfo-genética e morfo-stática para a sociologia das organizações. Tese de doutorado, MG, 2012.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

## **Bibliografia consultada**

HAMLIM, Cynthia Lins. **Realismo Crítico**: Um programa de Pesquisa para as Ciências Sociais. Scielo, RJ, v. 43, nº 2, 2000.

HAMLIM, Cynthia Lins. **Ontologia e gênero**: realismo crítico e o método das explicações contrastivas. RBCS, v.23, nº 67, p. 71-81, 2008.

OLIVEIRA, N. **Entre Cila e Caribdis**: o realismo social de Margaret Archer. Sociologia, problemas e práticas, nº 65, p. 119-139, 2011.

PRADO, E. F. S. Dialética e realismo crítico. In: Economia, complexidade e dialética. São Paulo: Plêiade, p. 43-78, 2009.

VANDENBERGHE, Frédéric. Obituário Roy Bhaskar (1944-2014). Polifonia, Cuiabá-MT, v. 23, nº 33, p. 179-182, jan-jun, 2016.

VANDENBERGHE, Frédéric. Uma ontologia realista para a sociologia. In: Teoria social realista: um diálogo franco-britânico. Belo-Horizonte: Editora UFMG, p. 183-256, 2010.

*Recebido em: 30/11/2024*

*Aprovado em: 15/12/2024*

*Publicado em: 09/01/2024*